



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária de Goiás

HABEAS BOCA

INFORMATIVO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE GOIÁS - Nº 12/2014

Paulo Ernane Moreira Barros é o novo Diretor do Foro



Portaria de 15 de maio, assinada pelo Presidente do TRF-1ª Região, desembargador federal Cândido Ribeiro, indicou o juiz federal PAULO ERNANE MOREIRA BARROS para exercer a função de Diretor do Foro da Seção Judiciária do Estado de Goiás, no período de 2014 a 2016.

O juiz federal CARLOS ROBERTO ALVES DOS SANTOS foi indicado para a função de vice-diretor.

Paulo Ernane Moreira Barros, formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás no ano de 1989.

Foi advogado da Caixa Econômica Federal do ano de 1993 a 1995.

Juiz de Direito no Estado de Goiás do ano de 1996 a 1998, e Juiz Federal desde outubro de 1998.

Foi titularizado como Juiz Federal na 8ª Vara de Belém do Pará no final de 2004, tendo sido removido para a Vara Única de Aparecida de Goiânia no ano de 2006.

Foi Presidente da Turma Recursal dos Juizados Especiais Federais da Seção Judiciária do Estado de Goiás de 1º/07/2009 a 30/06/2011.

Foi Juiz Titular da 15ª Vara Federal de Goiânia e atualmente é o 1º Relator da Turma Recursal dos Juizados Especiais Federais do Estado de Goiás e membro efetivo da Turma Nacional de Uniformização dos Juizados Especiais Federais.

Seja bem-vindo, Dr. Paulo Ernane.

O novo latim do império



Assisti a um programa de esportes na TV, que exibiu o interessante depoimento de um europeu, radicado no Brasil, sobre as dificuldades que os estrangeiros irão enfrentar durante a Copa 2014. O gringo destacou não só os problemas estruturais e de segurança, nossos velhos conhecidos, mas também a dificuldade de comunicação com os nativos, pois aqui em Pindorama quase ninguém fala inglês, a atual língua franca mundial.

Vesti a carapuça na hora. O turista estrangeiro que topar comigo estará em apuros, pois não sei quase nada da língua britânica. Dou um exemplo do meu despreparo: estava passeando com a família, quando comentei que iria lanchar na *Subway*. Mas eu disse um “*subway*” tão arrevesado, tão “Joel Santana”, que minha amantíssima esposa disparou a rir descontroladamente. E como não parava com as gargalhadas, chamei-lhe a atenção para seus sagrados deveres de respeito e obediência. Porém, foi inútil.

Outro dia, um conhecido meu, leitor voraz, falava-me sobre o maravilhoso livro de um novo escritor americano e que poderia me passar a obra em formato PDF. Fiquei empolgado, já ia dando meu *e-mail*, quando ele observou, como insignificante detalhe, que o texto era em inglês. Disse-lhe, então, que não precisava mandar mais, pois eu não dominava a língua ianque. Acho que o tom da minha voz revelou tanto ressentimento, que meu quase amigo inventou uma desculpa e escapuliu rapidinho.

Bem que tive oportunidades de aprender esse idioma, só que quando era rapaz andava com uma turma de Policarpus Quaresmas. Julgávamos, com aquela arrogante e estúpida certeza da qual só os muito jovens e muito tolos são capazes, que falar inglês era coisa de burguesinho colonizado. Os Titãs traduziram bem esse conceito xenófobo: “*Um idiota em inglês é bem melhor do que eu e vocês*”.

Agora pago por essa bobagem, sem poder ler aquele maravilhoso livro no original, sem saber pronunciar direito a maioria dos nomes dados aos edifícios da nossa Capital, sem poder viajar tranqüilo para o exterior e, talvez o pior, sem poder ajudar o desamparado turista alienígena.



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária de Goiás

HABEAS BOCA

INFORMATIVO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE GOIÁS - Nº 12/2014

Realmente, como faz falta falar inglês, uma vez que estamos cercados por ele. Dominá-lo é sinal de sólida educação, sem falar nas oportunidades profissionais, no manejo das novas mídias do mundo globalizado. Para além dos benefícios culturais e práticos, falar inglês empresta uma aura de sofisticação ao interlocutor, assim como foi com o francês até o século XIX.

Repare, meu suave leitor, como visitamos o passado e as pessoas são sempre as mesmas, continuamente procurando um modo de se distinguir das outras. Na Roma antiga, quem não falava o latim era considerado bárbaro, alguém não alcançado pela civilização. Todavia, para mostrar boa educação e elegância, a aristocracia romana falava grego entre si. O costume estava tão enraizado, que o grande César, mesmo no momento em que morria apunhalado, teve o bom gosto de dizer “até tu, meu menino?” em grego. Naturalmente, um homem brilhante e instruído como ele jamais se despediria da vida dizendo um vulgar “tu quoque, Brutus”.

Apesar de passar vergonha com o chamado “novo latim do império”, não quero terminar esse assunto por baixo e declaro orgulhosamente que o meu tupi anda afiadíssimo. Vejam: “*Nde angaturã, emê abé pindá*”. Só falta ter com quem praticar.

Renato Barbosa Cruz – servidor da 2ª Vara JFGO



Como era bom o meu francês

No meu tempo, nos anos sessenta, estudávamos francês nos dois primeiros anos do ginásio e inglês nos

dois últimos. Depois, no clássico (2º grau), optava-se por um ou outro. O colégio era o Estadual, de Belo Horizonte, onde fiquei por felizes oito anos.

Minha primeira “fessora” de francês era muito exigente – Maria José Queiroz, membro da Academia Mineira de Letras, catedrática nas letras neo-latinas – e eu, ao contrário do Renato Barbosa Cruz, sempre tive facilidade com as línguas e era um bom aluno. Tanto que, concorrendo a bolsa de estudos oferecida pela Aliança Francesa aos alunos do Estadual, tive sorte nos exames e passei a estudar francês na Aliança.

Fiz até o sexto ano e tenho dois diplomas de língua e literatura da Universidade de Nancy. Estávamos, se não me engano, em 1968/69.

Natural que alimentasse o sonho de conhecer Paris e que tivesse um nível bastante razoável ao falar e escrever.

Os anos passaram, o francês “caiu”, não se assistem a filmes, não se ouvem músicas francesas, não se encontram falantes da língua, a gente vai ficando enferrujado, mas o sonho continua lá, teimando em se realizar. Quem sabe um dia...

O dia chegou, demorou bastante, mas, chegou. Eu já no 2º tempo deste jogo da vida, que, para mim, teve começo em setembro de 1949, quando cheguei à cidade luz, como era afamada, num esplendoroso dia de junho de 2003. E tudo estava lá: a torre, o rio, os museus, os cafés, a civilização e o mau humor dos franceses também! Só encanto e alegria eram o que eu sentia.

Fiquei sabendo de um passeio para conhecer a casa do pintor Claude Monet, um dos papas do impressionismo: embarca-se num trem na estação Saint Lazare para Vernon, a pouco mais de 100 quilômetros de Paris, e em Vernon, pega-se um ônibus que, em quinze minutos, te deixa em Giverny, onde Monet viveu.

Passageiro de primeira viagem, ao chegar no “guichet” para comprar o bilhete de embarque, tenso, por estar sozinho e pela falta de costume em pegar trens, muito menos em continente europeu, onde nunca antes estivera, fui surpreendido com a pergunta do bilheteiro:

“-Allée, ou allée et retour?”, o que quer dizer: ida ou ida e volta? Nem é preciso dizer que qualquer iniciante, em qualquer idioma, aprende os verbos ir e voltar nas primeiras lições. E era isso que ele estava me perguntando: se eu queria ida, ou ida e volta.

E eu, ansioso e inseguro, dinheirinho sempre contado, pensei que estava me oferecendo alguma coisa que poderia implicar em gasto maior, e respondi com a espontânea inocência dos ignorantes: “- O que for mais barato!” (Em francês).

O bilheteiro reagiu de imediato, com a impaciência típica dos franceses, o que bastou para me acordar e me fazer entender o mal entendido.

Para não piorar as coisas, pedi logo “allée et retour”. Interessantemente, nem na ida, nem na volta, me pediram os bilhetes. Entrei e saí, entrei e saí, com os bilhetes no bolso. Coisa de gente civilizada ou... tem algum “allée et retour” aí que eu não estou sabendo? Ah, a casa do Monet é uma outra viagem. Impressionante!

Carlos Eduardo, da Secos.



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária de Goiás

HABEAS BOCA

INFORMATIVO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE GOIÁS - Nº 12/2014

Anápolis recebeu 2ª vara e nova sede



Mark Yshida Brandão (Diretor do Foro), Cândido Ribeiro (Presidente do TRF), João Batista Gomes Pinto (Prefeito de Anápolis) e Iolete Maria Fialho de Oliveira (Juíza Diretora da Subseção) descerram a placa inaugural.

As bandeiras foram hasteadas ao som do Hino Nacional, executado pela Banda Lira de Prata de Santana.

No dia 30 de maio, em prestigiada solenidade, foi inaugurado o novo prédio e instalada a 2ª Vara da Subseção Judiciária de Anápolis.

O Diretor do Foro, Mark Yshida Brandão, ficou satisfeito com o resultado do excelente trabalho de reforma e adaptação do espaço, assim como o Presidente do Tribunal, desembargador Cândido Ribeiro e o Diretor Geral do Tribunal, Carlos Frederico.

A 2ª Vara de Anápolis será dirigida pelo juiz federal Gabriel Brum Teixeira, muito cumprimentado também pela paternidade de quatro gêmeos recém-nascidos.

Tem início a Correição Geral Ordinária

Realizou-se na tarde de 02 de junho, no auditório da Justiça Federal de Goiás, a abertura dos trabalhos da Correição Geral Ordinária na Seção Judiciária do Estado de Goiás.

A mesa de honra foi composta pelo juiz federal Carlos Roberto Alves dos Santos, Diretor do Foro, em exercício, desembargador federal Carlos Moreira Alves, Corregedor Regional da Justiça Federal da 1ª Região, pelos juízes federais que irão auxiliar nos trabalhos da Correição, Lincoln Rodrigues de Faria,

Marcelo Velasco Nascimento Albernaz, Rodrigo Navarro de Oliveira e Renato Martins Prates, e pelo Procurador-Chefe do Ministério Público Federal em Goiás, Procurador da República Alexandre Moreira Tavares dos Santos.

Em sua fala, o juiz federal Carlos Roberto Alves dos Santos deu as boas vindas à equipe e enfatizou que o grande desafio desta Correição é encontrar caminhos para solucionar o problema das Turmas Recursais que se encontram com um número elevado de processos: “Dos 30.000 processos em tramitação, 24.000 estão conclusos”, disse ele.

Já o corregedor geral Carlos Moreira Alves reconheceu que essa não é uma realidade específica de Goiás, mas de todas as Turmas Recursais e que o trabalho da Correição é exatamente tentar encontrar soluções para os problemas apresentados.

Por fim, destacou sua expectativa de trabalhar em parceria com os juízes e servidores dos diversos setores da Seção Judiciária de Goiás e avançar no desenvolvimento de soluções para o aperfeiçoamento da prestação jurisdicional.

Visita de estudantes



A juíza federal MARA ELISA ANDRADE, substituta da 5ª Vara, recebeu no auditório da Justiça Federal, na tarde de 15 de maio, alunos de Direito da UFG.

A jovem juíza compartilhou com os estudantes toda sua experiência profissional até chegar à magistratura, com enfoque na participação da mulher em uma profissão ainda dominada, quantitativamente, pelos homens.